

MIGNOLO, WALTER; WALSH, CATHERINE. *On Decoloniality. Concepts, Analytics, Praxis.* Durham: Duke University Press, 2018.

Introdução

Este livro inaugura a série "*On Decoloniality*" da Duke University Press. O objetivo da série é interconectar perspectivas, expressões, pensamentos, lutas, processos e práticas de decolonialidade que estão surgindo em diferentes partes do mundo.

Nossa concepção e prática da decolonialidade neste livro e série não pretendem fornecer respostas globais ou esboçar designs globais para a libertação, muito menos propor *novos universais abstratos*. Estamos interessados, em vez disso, na relacionalidade. Ou seja, nas maneiras como diferentes histórias locais e concepções e práticas encarnadas de decolonialidade, incluindo as nossas, podem entrar em conversas e construir entendimentos que cruzem localizações geopolíticas e diferenças coloniais, contestando as reivindicações totalizantes e a violência político-epistêmica da modernidade.

A relacionalidade não significa que há apenas uma maneira de fazer e conceber a decolonialidade, e que isso coincidentemente seria a maneira como nós - os autores deste texto - fazemos e concebemos. Pensar que possuímos uma verdade decolonial universal não seria decolonial, mas moderno/colonial. Para você, leitor, assumir isso criaria mal-entendidos desde o início. A relacionalidade também não significa simplesmente incluir outras práticas e conceitos em nossos próprios. Seu significado refere-se ao que alguns pensadores indígenas andinos, incluindo Nina Pacari, Fernando Huanacuni Mamani e Félix Patzi Paco, chamam de "*vincularidad*". *Vincularidad* é a consciência da relação integral e interdependência entre todos os organismos vivos (dos quais os humanos são apenas uma parte) com o território ou terra e o cosmos. É uma relação e interdependência em busca do equilíbrio e da harmonia da vida no planeta.

Dessa forma, e conforme propomos neste livro e série, vincularidad/relacionalidade desestabiliza a autoridade singular e o caráter universal geralmente assumidos e

retratados no pensamento acadêmico. Relacionalidade/vincularidad busca conexões e correlações¹.

Nossa proposta é criar e iluminar caminhos **pluriversais e transversais** que perturbem a totalidade a partir da qual o universal e o global são mais frequentemente percebidos. Com essa ressalva em mente, abrimos a série com uma introdução local à praxis, conceitos e análises da decolonialidade. Certamente, não poderia ser de outra forma, já que todas as teorias e estruturas conceituais, incluindo aquelas que se originam na Europa Ocidental e nos Estados Unidos Anglo, podem visar e descrever o global, mas não podem deixar de ser locais.

A proposta aqui e na série é promover o desfazimento da reivindicação e da estrutura totalizadora do eurocentrismo, incluindo os legados eurocêntricos encarnados no centrismo norte-americano e perpetuados na geopolítica ocidental do conhecimento. Não se trata de eliminar, mas de reduzir o tamanho do que Michel Rolph Trouillot descreve como *as ficções universais abstratas do Atlântico Norte*. Assim, embora a série não exclua os Estados Unidos, estes não está no centro de seus interesses, debates e preocupações. O interesse mais amplo é com a *decolonialidade pluriversal* e a *pluriversalidade decolonial*, pois elas estão sendo pensadas e construídas fora e nas fronteiras e fissuras do mundo ocidental do Atlântico Norte.

Embora as Américas do Sul (América Central e do Sul) e o Caribe façam parte de nossa localização e interesses, esta não é uma série de livros de estudos "latino-americanos". Ninguém afirmaria que as escrituras de Martin Heidegger eram estudos

¹ Complementaridade e relacionalidade em busca de equilíbrio e harmonia são conceitos fundamentais na filosofia indígena desde os tempos antigos até os dias de hoje. Para uma exposição detalhada no pensamento indígena decolonial, veja o argumento do pensador aymara Fernando Huanacuni Mamani, em *"Vivir Bien/Buen Vivir: Filosofía, políticas, estrategias y experiencias de los pueblos ancestrales"*, 6ª edição (La Paz: Instituto International de Integración, [2010] 2015), 115–68. Veja também a política, advogada e líder indígena kichwa Nina Pacari, em *"La incidencia de la participación política de los pueblos indígenas: Un camino irreversible"*, em *Las vertientes americanas del pensamiento y proyecto des-colonial*, editado por Heriberto Cairo e Walter Mignolo (Madrid: Trama Editorial, 2008), 45–58; e o acadêmico e intelectual aymara Felix Patzi Paco, em *"Sistema comunal: Una propuesta alternativa al sistema liberal"*, em *Las vertientes americanas*, 61–84. Uma filosofia e pedagogia semelhantes por meio da terra foram poderosamente articuladas pela acadêmica, ativista e artista Nishanaabeg Leanne Simpson, em *"Land as Pedagogy: Nishnaabeg Intelligence and Rebellious Transformation"*, em *Decolonization: Indigeneity, Education and Society* 3, nº 3 (2014): 1–25. Para uma discussão detalhada sobre relacionalidade a partir de uma perspectiva decolonial não indígena, consulte Rolando Vázquez, em *"Towards a Decolonial Critique of Modernity: Buen Vivir, Relationality and the Task of Listening"*, em *Capital, Poverty, Development: Denktraditionen im Dialog: Studien zur Befreiung und Interkulturalität* 33, editado por Raul Fornet-Betancourt, 241–52 (Wissenschaftsverlag Mainz, Alemanha: Achen, 2012).

alemães. Ele era alemão, e o que ele pensava tinha muito a ver com sua história pessoal e linguagem. Mas ele pensava o que considerava ser pensamento em seu tempo e lugar. Assim é para nós. Heidegger não era um representante de sua cultura, e nós também não somos. Estamos onde pensamos, e nosso pensamento é provocado pela história das Américas (incluindo os Estados Unidos) e do Caribe desde o século XVI, quando o início dos padrões modernos/coloniais (ou seja, colonialidade) começou a emergir. No entanto, nosso pensamento, e o pensamento daqueles que seguirão na série, não se encerra - nem está apenas localizado - aqui.

O objetivo da série é tornar acessíveis - por meio de textos curtos, monografias e/ou coautorados e coleções editadas - reflexões sobre decolonialidade de diferentes continentes, territórios e geografias; de diferentes contações de história geocorporais, *histórias*, *herstórias* e *transtórias*; e de diferentes subjetividades translocais, lutas, visões de mundo e sentidos do mundo, especialmente daqueles que viveram - e vivem - a diferença colonial. Esperamos que esses textos ampliem e aprimorem os debates e cultivem conversas entre aqueles que abandonam as ficções e imperativos naturalizados da modernidade; aqueles em busca do relacional e do comunal em detrimento da competição; aqueles que se esforçam para ir além dos ditames e confins da política governamental e das formas de estado uni ou mononacionais; e aqueles radicalmente opostos à caça financeira de consumidores e corporações em busca de trabalhadores tecnicamente qualificados para aumentar os exércitos de desempregados.

Além disso, a série busca interromper a ideia de abstração deslocada, desencarnada e desvinculada, e desobedecer ao significante universal que é a retórica da modernidade, a lógica da colonialidade e o modelo global do Ocidente. Para nós, o pluriversal abre, em vez de fechar, as geografias e as esferas do pensar e do fazer decoloniais. Ele abre temporalidades coexistentes mantidas como reféns da ideia ocidental de tempo e da crença de que existe uma única temporalidade: A temporalidade fictícia imaginada pelo Ocidente. Além disso, ela conecta e reúne em relação - como pluri e transversais - histórias, subjetividades, conhecimentos, narrativas e lutas locais contra a ordem moderna/colonial e por uma ordem diferente. Esse é o entendimento e o projeto de decolonialidade pluriversal e transversal que orienta a série e este livro introdutório.

Essa perspectiva não significa rejeição ou negação do pensamento ocidental; na verdade, o pensamento ocidental faz parte do pluriversal. O pensamento e a

civilização ocidentais estão na maioria de nós, mas isso não significa uma aceitação cega, nem significa uma rendição às ficções do Atlântico Norte. Dentro do próprio pensamento ocidental, sempre houve críticas internas, críticas eurocêntricas ao eurocentrismo, por assim dizer. Bartolomé de las Casas no século XVI e Karl Marx no século XIX são exemplos claros. Mas essas não são as críticas que seguimos aqui. Nosso pensamento está, ao invés disso, com as críticas decoloniais ao eurocentrismo que estiveram presentes em momentos diferentes no tempo, com as não-aceitações das ficções do Ocidente e do Atlântico Norte como a única maneira. Enquanto a não aceitação poderia ser chamada de resistência, nosso interesse e proposição aqui (neste livro e série) estão, mais crucialmente, com a re-existência, entendida como "a redefinição e ressignificação da vida em condições de dignidade"². É o ressurgimento e insurgência da re-existência hoje que abrem e envolvem espaços e caminhos de convivência decolonial, espaços e caminhos que nos levam além, ao mesmo tempo que desfazem, a singularidade e linearidade do Ocidente.

Este primeiro livro introduz a perspectiva, conceito, análise, prática e praxis da decolonialidade que encontram sua base e fundamento no conceito composto modernidade/colonialidade. A modernidade, é claro, não é um conceito decolonial, mas a colonialidade é. A colonialidade é constitutiva, não derivada, da modernidade. Ou seja, não há modernidade sem colonialidade, daí a expressão composta: modernidade/colonialidade. Nossa intenção é ajudar o leitor a entender como a matriz colonial de poder (MCP), da qual modernidade/colonialidade é uma expressão mais curta) foi constituída, gerida e transformada desde sua fundação histórica no século XVI até o presente. Mas a intenção é também, e mais crucialmente, instigar reflexões sobre como a decolonialidade desfaz, desobedece e desvincula-se dessa matriz; construindo caminhos e práticas em direção a um outro modo de pensar, sentir, acreditar, fazer e viver. Para nós, a decolonialidade e o pensamento decolonial se materializaram no exato momento em que a MCP estava sendo estabelecida (do século XVI ao século XVIII). Falando decolonialmente, modernidade/colonialidade estão intimamente, intrincadamente, explicitamente e complicitamente entrelaçadas. O fim da modernidade implicaria o fim da colonialidade e, portanto, a decolonialidade deixaria de ser uma questão. Este é o horizonte decolonial último.

² Adolo Albán Achinte, "Interculturalidad sin decolonialidad? Colonialidades circulantes y prácticas de re-existencia," em *Diversidad, interculturalidad y construcción de ciudad*, editado por Wilmer Villa e Arturo Grueso (Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional/Alcaldía Mayor, 2008), 85–86.

Reconhecemos também os legados da descolonização associados à Conferência de Bandung (1955) e à Conferência dos Países Não Alinhados (1961) durante a Guerra Fria. No entanto, esses legados não são a base central de nosso projeto. Para nós, o horizonte não é a independência política dos estados-nação (como foi para a descolonização), nem é apenas - ou principalmente - o confronto com o capitalismo e o Ocidente (embora ambos sejam componentes centrais da matriz de poder moderno/colonial). Nosso interesse e preocupação, refletidos neste livro, mas também nas conversas sustentadas desde o final da década de 1990 dentro do que tem sido chamado de projeto compartilhado de modernidade/(de)colonialidade, estão nos hábitos que a modernidade/colonialidade implantou em todos nós; em como a modernidade/colonialidade trabalhou e continua a trabalhar para negar, desaprovar, distorcer e negar conhecimentos, subjetividades, sentidos do mundo e visões de vida.

Aqui damos atenção ao que, por que, com quem e como da decolonialidade, às maneiras como seu conceito, análise e praxis desvendam a influência da modernidade/colonialidade; geram libertações no que diz respeito a pensar, ser, saber, entender e viver; incentivam espaços de re-existência e constroem conexões entre regiões, territórios, lutas e povos. Como mencionado acima, a decolonialidade - como a entendemos - nasceu em resposta às promessas da modernidade e às realidades da colonialidade, no sentido introduzido por Aníbal Quijano. As conceptualizações e ações da decolonialidade são, portanto, múltiplas, contextuais e relacionais; elas não são apenas a visão de povos que viveram a diferença colonial, mas, mais amplamente, de todos nós que lutamos dentro e contra as fronteiras e fissuras da modernidade/colonialidade, para construir um mundo radicalmente distinto. A decolonialidade, como argumentamos neste livro, não é um novo paradigma ou modo de pensamento crítico. É uma maneira, opção, ponto de vista, análise, projeto, prática e praxis.

A fundamentação deste texto - e de nós, como seus autores - está enraizada em nossa percepção de ambas as Américas durante a Guerra Fria, uma das Américas (Estados Unidos) no Primeiro Mundo e as outras (América Central/Sul e Caribe) no Terceiro Mundo. Quando sua experiência de vida é tocada e formada no e pelo Terceiro Mundo, geopolítica importa; ou quando você percebe que, como cidadão do Primeiro Mundo, você pertence a uma história que gerou a colonialidade e a disfarçou pelas

promessas e premissas da modernidade, você encontra a colonialidade dos dois lados do espectro.

A política global, é claro, é muito mais complexa hoje do que no período da Guerra Fria ou no século XVI, quando a MCP começou a emergir. A eleição de Donald Trump (e seus primeiros 100 dias enquanto escrevemos esta introdução), e a mudança anunciada do "globalismo neoliberal" para o "americanismo nacional", juntamente com a reinstalação da extrema direita na Argentina e no Brasil, a escalada da guerra na Síria, a proeminência da Coreia do Norte na política externa dos EUA e as massivas mobilizações na África do Sul, entre muitos outros contextos geopolíticos e "eventos" emergentes (incluindo a eleição do globalista neoliberal Emmanuel Macron para a presidência francesa), complicam ainda mais a arena local-global atual. Hoje, a MCP não é simplesmente controlada e gerida pelo Ocidente (Estados Unidos e União Europeia), como tem sido o caso por mais de 500 anos. A agitação é agora ao mesmo tempo doméstica, transnacional, interestadual e global.

O retorno dos nacionalismos de direita no Ocidente (ou seja, na União Europeia mais o Reino Unido e os Estados Unidos) não é pior, do ponto de vista decolonial, do que a continuação do globalismo neoliberal. No entanto, a nova ordem mundial da colonialidade global (incluindo o declínio dos Estados Unidos como líder mundial) nos obriga a perguntar: o que significam decolonialidade e descolonização neste momento? As razões deveriam ser óbvias: a descolonização durante a Guerra Fria significou a luta pela libertação do Terceiro Mundo e, quando bem-sucedida, a formação de estados-nação reivindicando soberania. Na década de 1990, a falha da descolonização na maioria das nações ficou clara; com o Estado nas mãos de elites minoritárias, os padrões de poder colonial continuaram tanto internamente (ou seja, colonialismo interno) quanto em relação às estruturas globais. Naquele momento, a colonialidade foi revelada; a decolonialidade nasceu na revelação da colonialidade.

Colonialidade/decolonialidade, quando introduzida por Aníbal Quijano em 1990, foi o momento crucial de encerramento da Guerra Fria e abertura dos desenhos globais neoliberais (ou seja, globalismo). Hoje, nacionalismos de direita constroem sobre o lado mais sombrio do globalismo neoliberal, enquanto estados progressistas (por exemplo, Equador, Bolívia, Venezuela) avançam com um capitalismo do século XXI fundamentado em uma política e economia de extrativismo que promove a destruição de terras, seres e conhecimentos, entendidos por muitos como a Mãe Terra. Embora a

retórica e a política dos nacionalismos de direita, globalismo neoliberal e progressismos possam diferir, cada um continua a perpetuar e aprofundar a colonialidade.

Certamente, a conjuntura atual exige uma análise urgente e sustentada das mudanças e mutações contínuas do sistema mundo moderno/colonial/patriarcal – análises e considerações não possíveis neste livro, mas esperançosamente tema de volumes futuros. Enquanto as respostas geopolíticas e corpo-políticas decoloniais – desvinculação e re-existência, ressurgimento e insurgência – continuam, a prática decolonial pode começar a assumir formas distintas nos próximos anos, diante da mudança de retórica da modernidade nas confrontações entre os Estados Unidos, com o apoio da União Europeia, por um lado, e China, Rússia e Irã, por outro. Na formação atual de uma ordem mundial multipolar, a retórica da modernidade já não é mais unidirecional e unipolar.

Nós – Catherine e Walter – temos biografias cruzadas que se complementam e definem nossas esferas de interesse. Catherine, nascida e criada nos Estados Unidos, passou a maior parte de sua vida adulta fora do cenário principal dos EUA, primeiro nas comunidades latinas dos EUA e, desde meados da década de 1990, no Equador, onde leciona e trabalha de perto com ativistas e movimentos sociais. Walter, nascido e criado na Argentina, após obter seu doutorado na França e se familiarizar com a Europa, decidiu se mudar para os Estados Unidos, onde se tornou um acadêmico politicamente engajado que trabalha com intelectuais e ativistas dentro e fora dos Estados Unidos. Para ambos, o ponto comum é o conceito de colonialidade introduzido por Aníbal Quijano, detalhado na parte II.

Esse ponto comum nos conecta, mas não presume uniformizar ou colapsar nossos pensamentos, ações e palavras em "um". Por isso, escrevemos as partes I e II do livro separadamente, mas conectadas e em relação. Tornar visíveis nossas subjetividades, visões, vozes e pensamentos é, na verdade, parte de nossa metodologia-pedagogia de conversa que tem continuado ao longo dos últimos vinte anos, refletida também em nossas entrevistas publicadas um com o outro³.

³ Veja Walter Mignolo, "Decolonial Thinking and Doing in the Andes: An interview with Catherine Walsh, a propos of Interculturalidad, Estado, Sociedad: Luchas (de)coloniales de nuestra época," Reartikulacija, Eslovênia, janeiro de 2011; e Catherine Walsh, "Las geopolíticas del conocimiento y colonialidad del poder: Entrevista a Walter Mignolo," em Indisciplinar las ciencias sociales: Geopolíticas del conocimiento y colonialidad del poder:

Em nosso pensamento individual e conjunto, teoria e prática estão necessariamente inter-relacionadas. Teoria e prática são construções que pressupõem a prática básica de viver. Sem nossa prática diária de viver, não seria possível fazer distinções conceituais e de segunda ordem entre teoria e prática. Seguindo essa linha de raciocínio, este volume se desvincula do conceito moderno de teoria versus prática. Para nós, teoria é fazer e fazer é pensar. Você não está fazendo algo quando teoriza ou analisa conceitos? Não é a prática algo que chamamos de praxis? E a partir da praxis – entendida como pensamento-reflexão-ação, e pensamento-reflexão sobre esta ação – nós também não construímos teoria e teorizamos o pensamento? Ao desobedecer a crença estabelecida de que primeiro você teoriza e depois aplica, ou que você pode se envolver em praxis cega sem análise e visão teóricas, situamos nosso pensamento/fazer em um terreno diferente.

Este terreno está enraizado na praxis de viver e na ideia da teoria-como-praxis e da praxis-como-teoria, e na interdependência e fluxo contínuo de movimento de ambos. É nesse movimento que a decolonialidade é promulgada e, ao mesmo tempo, tornada possível. A decolonialidade, nesse sentido, está envolvida com a re-existência; ambas reivindicam um terreno que se esforça para desvincular-se dos princípios teóricos e instrumentos conceituais do pensamento ocidental.

Se "outro mundo é possível", não pode ser construído com as ferramentas conceituais herdadas do Renascimento e do Iluminismo. Não pode ser construído com as ferramentas do mestre, como Audre Lorde nos lembrou há alguns anos, "pois as ferramentas do mestre nunca desmantelarão a casa do mestre. Elas podem nos permitir temporariamente vencê-lo em seu próprio jogo, mas nunca nos possibilitarão promover uma mudança genuína."⁴ No entanto, Lewis Gordon e Jane Anna Gordon oferecem uma posição diferente sobre esse mesmo problema. "Não apenas com as ferramentas do mestre", argumentam eles. "Os escravizados historicamente fizeram algo mais provocativo com tais ferramentas do que tentar desmantelar a 'Casa Grande'. Há aqueles que usaram essas ferramentas, desenvolveram outras adicionais e construíram casas próprias em solo mais ou menos generoso. É nossa visão que a resposta adequada é seguir o exemplo deles, transcendendo em vez de desmantelar as

Perspectivas desde lo andino, editado por Catherine Walsh, Freya Schiwy, Santiago Castro-Gómez, 17–44 (Quito: uasb/Abya Yala, 2002).

⁴ Audre Lorde. *Sister Outsider*. Berkeley: Crossing Press, 2007. (Originalmente publicado em 1984). Página 112.

ideias ocidentais através da construção de nossas próprias casas de pensamento. Quando bastantes casas forem construídas, a hegemonia da casa do mestre - na verdade, o próprio domínio - deixará de manter seu status imperial. O abrigo não precisa ser nos quartos oferecidos por tal dominação."⁵ Em ambos esses sentidos, buscamos e propomos neste livro outros instrumentos conceituais, outras formas de teorizar e outras genealogias, todas as quais - tanto no passado quanto no presente - constroem e constituem o que entendemos como pensamento, praxis e pensamento decoloniais.

Sem dúvida, a crítica à colonialidade e as possibilidades de horizontes decoloniais de praxis, conhecimento e pensamento (embora nem sempre com o mesmo uso de termos) têm um legado. W. E. B. Dubois, Anna Julia Cooper, Aimé Césaire e Frantz Fanon são apenas alguns exemplos dos pensadores decoloniais visivelmente presentes no início e meados do século XX. No entanto, a lista de pensadores decoloniais é extensa: de Guaman Poma de Ayala no final do século XVI e início do século XVII no vice-reinado do Peru a Ottobah Cugoano, em Londres, mas refletindo sobre sua experiência como um ser humano caçado e escravizado na Jamaica, levado a Londres por seu mestre, um britânico chamado Campbell. Desde o abolicionista e ativista Sojourner Truth e seu famoso discurso "Ain't I a woman" em 1851, a Mahatma Gandhi na Índia no início do século XX, a Sun Yat-sen na China e a líder kichwa, ativista e educadora Dolores Cacuango no Equador algumas décadas depois. De Amílcar Lopes da Costa Cabral na Guiné-Bissau e Cabo Verde a Steve Biko na África do Sul do apartheid; de Audre Lorde em Nova York, a Gloria Anzaldúa nas fronteiras de Aztlán (sudoeste dos EUA/fronteira mexicana), Sylvia Wynter na travessia do Caribe e Estados Unidos, e aos muitos outros pensadores decoloniais racializados, *genderizados* e fronteirizados cujas *herstories*, *transtories* e nossas histórias de pensamento foram tornadas invisíveis pelo racismo e heteropatriarcado da ordem moderno/colonial. As genealogias do pensamento e da ação decolonial (através dos espectros de gênero e raça) sempre marcharam paralelas ao avanço predatório global da modernidade/colonialidade.

No entanto, foi o trabalho do que é conhecido hoje como o grupo ou projeto modernidade/colonialidade/decolonialidade que, desde a década de 1990 e após a

⁵ Gordon, Lewis; Gordon, Jane Anna. "Introdução: Não Apenas as Ferramentas do Mestre". In: *Não Apenas as Ferramentas do Mestre: Estudos Afro-Americanos em Teoria e Prática*, organizado por Lewis Gordon e Jane Anna Gordon, ix. Boulder, CO: Paradigm, 2006.

introdução da colonialidade do poder por Aníbal Quijano, explorou mais profundamente as dimensões analíticas da colonialidade e do pensamento decolonial.

Este projeto comunal, em sua composição inicial, estava principalmente baseado na América do Sul e nos Estados Unidos e incluía Edgardo Lander (Venezuela), Fernando Coronil (Venezuela–Estados Unidos), Santiago Castro-Gómez e Oscar Guardiola-Rivera (Colômbia), Arturo Escobar (Colômbia–Estados Unidos), Javier Sanjinés (Bolívia–Estados Unidos), Zulma Palermo (Argentina), Maria Lugones (Argentina–Estados Unidos), Freya Schiwy (Alemanha–Estados Unidos), Enrique Dussel (Argentina–México), Nelson Maldonado-Torres, Ramón Grosfoguel e Agustín Lao-Montes (Porto Rico–Estados Unidos), além de Quijano e nós mesmos. Grande parte de seus escritos era em espanhol. Embora muitos de seus membros também tenham escrito extensivamente em inglês, as primeiras publicações em inglês identificadas com o projeto ou grupo surgiram nos volumes de *Nepantla*, incluindo o dossiê de 2002, "Conhecimentos e o Conhecido: Perspectivas Andinas sobre Capitalismo e Epistemologia", organizado por Freya Schiwy e Michael Ennis. Outro dossiê foi publicado em *Estudos Culturais* em 2007, e mais tarde em um livro editado por Walter D. Mignolo e Arturo Escobar e publicado pela Routledge⁶. Hoje, este projeto comunal decolonial funciona como um conjunto frouxamente organizado de intelectuais social e politicamente comprometidos com afiliações que se deslocam e movem, com localizações na maioria, se não em todos, os continentes do mundo, e com perspectivas e pontos de vista pluriversais sobre a matriz de poder moderno/colonial.

Envolvendo a decolonialidade conforme a concebemos e a praticamos neste livro, fornecer um quadro para a série de livros, significa envolver-se em dois tipos de atividades ao mesmo tempo: o pensar-fazer e o fazer-pensar da decolonialidade. Em um rascunho anterior deste livro, optamos por começar com o primeiro, com a análise da colonialidade do poder por meio da elucidação conceitual (uma tarefa familiar na filosofia). A ideia era estabelecer um alicerce conceitual sobre o qual a segunda atividade emerge e se fundamenta; ou seja, os processos, práticas e praxis da decolonialidade. No entanto, as respostas dos leitores nos fizeram repensar essa ordem, principalmente porque nosso projeto é perturbar e desobedecer - não

⁶ Mignolo, Walter; Escobar, Arturo (Eds.). *Globalization and the Decolonial Option*. London: Routledge, 2010.

reproduzir - o domínio da teoria sobre a prática. Embora tenhamos considerado intercalar os capítulos que agora constituem a parte I e a parte II, nosso receio era que isso tiraria o fluxo de cada parte. Nossa decisão, então, e refletida aqui, é começar com o fazer-pensar, com as pessoas, coletivos e comunidades que promovem a decolonialidade como uma forma, opção, ponto de vista, análise, projeto, prática e praxis; ou seja, com a atividade de pensar e teorizar a partir da praxis. Isso não significa que a parte I é prática e a parte II teórica. Ambas são teóricas/práticas de maneiras diferentes, começando em duas extremidades do espectro e avançando em direção ao centro: prática teórica e teoria prática. A Parte I, intitulada "*Decoloniality in/as Praxis*", escrita por Catherine, está organizada em torno das questões centrais do "como" decolonial e do "para" decolonial, ou seja, por um lado, a questão de como a decolonialidade é significada e construída na e pela praxis. O que interessa aqui é como aqueles que vivem a diferença colonial pensam a teoria, teorizam a prática e constroem, e implementam processos, lutas e práticas concretas de ação e pensamento resurgentes e insurgentes, inclusive nas esferas do conhecimento, território-terra, estado, re-existências e a própria vida. E, por outro lado, a questão é como essa praxis interrompe e quebra as matrizes de poder modernas/coloniais/capitalistas/heteropatriarcais e promove outras formas de ser, pensar, conhecer, teorizar, analisar, sentir, agir e viver para todos nós. O contexto geopolítico e corpo-político aqui é *Abya Yala*, amplamente compreendida como as Américas, e especialmente como as Américas do Sul (América Central e do Sul) em relação ao Caribe. No entanto, acreditamos que os leitores encontrarão inter-relações com outras regiões do globo.

Nesta primeira parte do livro, a análise da colonialidade do poder move-se de maneira serpenteante, dentro e fora dos processos, práticas e praxis decoloniais, construindo a conexão, conversa e relação com a parte II.

Na parte II, intitulada "A Opção Decolonial", escrita por Walter, a ordem das atividades mencionadas anteriormente reverte para o pensamento/agir. Essa parte é uma meditação sobre a colonialidade (abreviação para colonialidade do poder), um conceito tão importante quanto os do inconsciente em Sigmund Freud e do valor excedente em Karl Marx. Inconsciente e valor excedente foram introduzidos para lidar com questões e problemas que afetam a sociedade da Europa Ocidental. A colonialidade aqui lida com questões e problemas comuns a todas as antigas colônias

da Europa Ocidental no Terceiro Mundo. O texto examina como a colonialidade do poder foi formada, transformada e gerida em sua história de mais de 500 anos. Além disso, explora como a colonialidade do poder opera hoje em escala global, quando os estados imperiais do Atlântico Norte não podem mais controlar e gerenciar o monstro (MCP) que criaram, sendo disputados por civilizações que retornam (comumente chamadas de economias emergentes).

Quando a matriz colonial de poder não é mais controlada pelo chamado Ocidente, ela impacta e transforma todos os aspectos da vida, especialmente em relação a duas esferas inter-relacionadas: (a) a colonialidade do poder político, econômico e militar (relações interestatais); e (b) a colonialidade dos três pilares do ser no mundo: racismo, sexismo e a naturalização da vida e a regeneração permanente do vivo (por exemplo, a invenção do conceito de natureza). A Parte II avança, então, de maneira espiral (não linear) da análise da colonialidade do poder para a segunda atividade, mais voltada para o futuro. Aqui, o interesse está nos processos variados de desvinculação das promessas feitas em nome da modernidade: desenvolvimento e crescimento e as prisões da colonialidade. A Parte II se encerra destacando a decolonialidade como processos inter-relacionados de cura de feridas coloniais que se originam em cada um de nós. Cada um de nós, ao endossar e abraçar a decolonialidade, é responsável por sua própria libertação decolonial. A tarefa não é individual, mas comunitária. Isso significa que ninguém deve esperar que outra pessoa o decolonize, e significa que nenhum de nós, vivendo-pensando-sendo-fazendo decolonialmente, deve esperar decolonizar outra pessoa. Dessa forma, a Parte II complementa a Parte I e vice-versa. Além disso, cada parte sozinha e ambas as partes juntas evidenciam a entrelaçamento de conceitos, análises e práticas.

Com este livro, pretendemos abrir uma conversa global que a série irá ampliar e estender. Volumes subsequentes ampliarão a reflexão e discussão para outros atores, projetos e áreas e regiões geopolíticas, incluindo Sul e Norte da África, antiga Europa Ocidental e antiga Europa Oriental, Federação Russa e Ásia Central, Ásia Oriental e Sul da Ásia, e Sudeste e Oeste da Ásia (rotulado como Oriente Médio pelo almirante da marinha dos EUA Alfred Thayer Mahan em 1902). A indigeneidade global, os feminismos de cor e as lutas e pontos de vista corpo-político-epistêmicos decoloniais, incluindo aqueles que questionam gênero, sexualidade, erotismo e espiritualidade, também serão foco de volumes futuros.

Em essência, a série se abre para todas as pessoas em diferentes partes do mundo que são propensas, como a própria Gloria Anzaldúa, a sentir “*La facultad*” (o poder de fazer). *La facultad* é sentida por todos: "Aqueles que são expulsos da tribo por serem diferentes provavelmente se tornam mais sensíveis (quando não são brutalizados até a insensibilidade). Aqueles que não se sentem psicológica ou fisicamente seguros no mundo estão mais aptos a desenvolver esse senso. As pessoas que são atacadas. As mulheres, os homossexuais de todas as raças, os de pele escura, os excluídos, os perseguidos, os marginalizados, os estrangeiros.⁷

Pensar a partir de e com essa *facultad* (indisciplinada), a partir de e com a decolonialidade, e a partir de e com as possibilidades de construir um mundo radicalmente distinto, são parte integrante do projeto desta série e deste primeiro livro que a apresenta.⁸

⁷ Anzaldúa, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute, 1987, pp. 63–64.

⁸ Um dos primeiros volumes do coletivo modernidade/colonialidade/decolonialidade foi intitulado precisamente *Indisciplinar las ciencias sociales: Geopolíticas del conocimiento y colonialidad del poder*, editado por Catherine Walsh, Freya Schiwy e Santiago Castro-Gómez.